

**ENTRE KING KONG E GRAVIDADE: LENDO RESISTÊNCIAS EM BEEBO
BRINKER DE ANN BANNON**

**BETWEEN KING KONG AND GRAVITY: READING RESISTANCE IN ANN
BANNON'S BEEBO BRINKER**

Ruan Nunes¹

Universidade Estadual do Piauí

Resumo: Este artigo propõe investigar o romance *Beebo Brinker* de Ann Bannon à luz das discussões teóricas que englobam gênero, sexo e sexualidade. A partir da compreensão de que o pensar King Kong (DESPENTES, 2016) e a gravidade homofóbica (VIDARTE, 2019) são ideias-metáforas cruciais para pensar os temas supracitados, o trabalho analisa como determinados aspectos da trajetória da protagonista de *Beebo Brinker* podem ser lidos como resistências aos discursos dominantes. Ao abandonar sua terra natal, a protagonista homônima se muda para Nova York, buscando independência e aprendendo a lidar com sua sexualidade dentro de novos espaços que a enxergam como sujeito. Ao interpretar a jornada de Beebo como sintomática de preocupações contemporâneas sobre a homofobia, o trabalho sugere que o romance de Bannon é um espaço crítico para investigações sobre sexualidade, destacando ainda brevemente outras personagens. Assim, o *pensar King Kong* e o *desafiar a gravidade homofóbica* são estratégias para pensar as formas pelas quais uma potência fundamental (ROLNIK, 2018) tem sido suprimida pelos preconceitos.

Palavras-chave: Ann Bannon; Beebo Brinker; teoria King Kong; gravidade homofóbica.

Abstract: This paper aims to investigate Ann Bannon's *Beebo Brinker* taking into consideration theoretical discussions which centre on gender, sex and sexuality. Departing from an understanding that the King Kong thinking (DESPENTES, 2016) and the homophobic gravity (VIDARTE, 2019) are crucial idea-metaphors to think the aforementioned questions, this work analyses how some aspects of the journey of the protagonist in *Beebo Brinker* may be read as resistances to dominant discourses. After leaving her homeland, the protagonist moves to New York, seeking independence and learning to deal with her sexuality in new spaces in which she is seen as a subject. By interpreting Beebo's journey as symptomatic of homophobic concerns which are still contemporary, this work suggests that Bannon's novel is still a critical site of investigation of sexuality, highlighting briefly how other characters are also seen in this light. Thus, the King Kong thinking and the defying of homophobic gravity are strategies to think the ways by which a fundamental potency (ROLNIK, 2018) has been suppressed by prejudice.

Keywords: Ann Bannon; Beebo Brinker; King Kong theory; homophobic gravity.

¹ Professor Assistente de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Piauí. Doutorando em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Língua Inglesa pela PUC-Rio e em Ensino de História da África pelo Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) e licenciado em Letras (Português-Inglês) pela Faculdade CCAA. É líder do grupo de pesquisa EntreSaberes docentes, linguísticos e literários e membro do grupo História, Cultura e Gênero. Possui os certificados CAE (Certificate in Advanced English) e CPE (Certificate of Proficiency in English), ambos emitidos pela University of Cambridge. Tem produzido e atuado nas seguintes áreas: literaturas de língua inglesa; estudos pós-coloniais; estudos de gênero, identidade e sexualidade; teoria queer; estudos culturais e literaturas de língua inglesa. Email: ruan.nunes@hotmail.com.

Submetido em 1 de julho de 2020.

Aprovado em 15 de agosto de 2020.

Não acredito que seja possível iniciar este trabalho sem me referir à criatura na sala: o King Kong de Virginie Despentes. Chamado de ideia-metáfora por Aline Reis Calvo Hernandez (2018), o King Kong despentesiano “funciona como uma metáfora de uma sexualidade que precede a distinção de gêneros tal como politicamente imposta no final do século XIX.” (DESPENTES, 2016, p. 94). A crítica elaborada pela escritora francesa não pode ser resumida de maneira simples e, sem dúvidas, cria uma desconfortável sensação de teorias que brincam enquanto desmantelam determinados espaços previamente tidos como seguros.

Para Despentes, a discussão sobre a criatura homônima do filme King Kong do início do século XX é uma expressão da própria dubiedade em um mundo que disputa constantemente significados binários: “Esse ser está na encruzilhada entre o homem e o animal, o adulto e a criança, o bom e o mau, o primitivo e o civilizado, o branco e o preto. Híbrido, diante da obrigatoriedade do binário” (DESPENTES, 2016, p. 94). Na leitura proposta em *Teoria King Kong*, a criatura não é o monstro criado pelas lentes hollywoodianas. Pelo contrário, Despentes encoraja que pensemos na própria formação da criatura não como a perversa ameaça a destruir a humanidade justamente porque a mulher – “*a mocinha do filme*” – se sente segura perto de King Kong.

A criatura não representa perigo para a mulher que se identifica com a expressão de King Kong. Na realidade, o perigo é justamente quando o homem surge para levar a bela para a cidade e aprisionar King Kong:

Em câmera lenta, um grande close nos olhos da loira, quando ela finalmente entende que foi usada. Ela serviu apenas para capturar o animal. A animal. Apenas para trair sua aliada, sua protetora. Com quem ela tinha afinidade. Sua escolha pela heterossexualidade e pela vida na cidade é a escolha do sacrifício daquilo que nela é cheio de pelos, potente, daquilo que nela ri enquanto bate no peito. Aquilo que reina sobre a ilha. Alguma coisa tinha que ser oferecida em sacrifício (DESPENTES, 2016, p. 95).

A relação da bela com King Kong é de traição. A mulher escolhe partir com o homem rumo à cidade, porém percebe que fora enganada e que sua aliança com King Kong estava fraturada. Aceitar a cidade e o homem significava renunciar a sua potência

em prol da “heterossexualidade hiperregulamentada” (DESPENTES, 2016, p. 94), significava abdicar de uma posição de liberdade de si para ecoar os lugares gendrados².

Não é por acaso que King Kong se torna um espetáculo a ser temido e admirado – “Desejamos tocar a bestialidade de perto, tremer, mas não desejamos seus danos colaterais” (DESPENTES, 2016, p. 95) – até que foge, quebra suas correntes e inicia seu processo de destruição da cidade. Em busca da bela, a criatura destrói o que encontra pela frente. Ao encontrar seu objeto de desejo, a criatura é controlada e, por fim, abatida pelos homens, pela política, pelo Estado.

Poder-se-ia pensar que o filme apenas representa o controle necessário de algo que foge da compreensão humana, algo que precisa ser domado e/ou domesticado. A bela, afinal, segue com o homem mesmo após o abatimento da criatura. Dessa forma, o mundo estaria seguro do desconhecido, daquilo que abala as estruturas e representa uma ameaça. O deslocamento despentesiano, no entanto, enxerga que a bela não pode fugir do homem e que a criatura King Kong representa uma força, uma potência da qual a mulher é tolida sempre que se aproxima, como citado previamente, “daquilo que nela é cheio de pelos, potente, daquilo que nela ri enquanto bate no peito.”(DESPENTES, 2016, p. 95).

Despentes enxerga no resgate da bela a privação de uma potência fundamental, termo que discutirei ainda neste trabalho a partir das leituras de Suely Rolnik (2018). A escritora não enxerga essa potência como uma feminilidade ou algo inato, mas sim como as possibilidades de agenciamento que são negadas aos sujeitos femininos a partir de sua existência dentro de um sistema que regula e controla as mulheres. Ao encarar King Kong e o homem na cidade, a bela confronta o seu dilema de existir a partir da matriz heteronormativa – afinal, ela pertence ao mundo gendrado no qual é o Outro na relação com o homem – compreensão esta que tem sido contestada por diversos estudos feministas.

A ideia-metáfora de Despentes se revela uma curiosa crítica ao sistema heteronormativo que engendra os sujeitos. Trazendo para o ambiente das discussões feministas e LGBTQ+, encarar e confrontar King Kong é, portanto, um ato de rebeldia antiCISTêmico³ no qual a busca não é necessariamente pela abolição dos gêneros – Despentes é explícita ao tratar que não busca uma utopia – mas sim uma forma de

² Estudos contemporâneos sobre gênero utilizam as formas “gendrada” ou “generificada” como tradução do original em inglês *gendered*.

³ Um jogo entre a ideia de sistema e a condição de cisgeneridade – a condição de sujeitos cuja identidade de gênero se identifica com o sexo biológico de nascimento.

reconhecer que alguns sujeitos não se compreendem dentro dos extremos do sistema cisgênero. Um *confronto King Kong* é negociar novos sentidos a partir de uma potência fundamental de si, uma expressão daquilo que se deseja e consciente dos sistemas discursivos que nos rodeiam e cerceiam, e não a partir dos códigos expressos pelos discursos cotidianos que buscam apreender quais sujeitos podem ou não existir. Dessa forma, *pensar King Kong* representa uma forma de encontrar linhas de defesa a partir do reconhecimento dos sujeitos que contestam o CISTema.

Pensar King Kong dialoga profundamente com a discussão sobre a gravidade que o filósofo Paco Vidarte propôs em seu último livro publicado em vida, *Ética Bixa*. Assim como King Kong inicialmente não parecia ter relação alguma com a discussão feminista e LGBTQ+, os comentários de Vidarte também se revelam uma ideia-metáfora instigante que me ajudará a investigar o romance de Ann Bannon em seguida.

Comparo a força da gravidade com o heterossexismo, a transfobia e a homofobia. Estão sempre atuando, com a mesma força e intensidade, limitando nossos movimentos, fazendo-nos cair, dificultando-nos o ato de levantar e ficar de pé, causando-nos tombos, obrigando-nos a nos arrastar (VIDARTE, 2019, p. 109).

Vidarte nos lembra que seguimos nossas vidas sem necessariamente pensar nos efeitos da gravidade: subimos ladeiras e ficamos ofegantes, tropeçamos e caímos, comemos e engordamos. A gravidade é superada em alguns momentos como os lançamentos de foguetes, porém, não muito após a celebração, esquecemos de como ela volta a atuar. Lutar contra a gravidade seria, portanto, uma tarefa impossível, semelhante à punição de Sísifo – sempre lutando com a pedra em uma tarefa sem sentido.

Se lutar contra a gravidade é uma tarefa que desafia o sentido lógico, poder-se-ia perguntar qual o motivo de insistir nesse tipo de embate. Ao comparar a gravidade com o heterossexismo, a transfobia e a homofobia, Vidarte não está sinalizando que deveríamos desistir de nos engajarmos nas lutas. Enxergo o desafio de encontrar as brechas de quebra da gravidade como um engajamento constante do qual não se pode perder de vista os ganhos. Talvez algum grupo de leitores e leitoras possa pensar que se a gravidade é uma força invencível, é fútil lutar contra ela. Contudo, uma visão mais otimista da comparação reside na percepção de que não há como mudar inteiramente o sistema da noite para o dia. As mudanças demandam tempo e ciclos, daí a importância de pensar que as brechas na gravidade sejam, na realidade, momentos de celebração no constante desafio da gravidade homofóbica.

“Desafiar a gravidade homofóbica sempre é,” afirma Vidarte (2019, p. 110), “um circo e requer um investimento de tempo e esforços desproporcionais.” Para o filósofo, o “circo” é fundamental para destacar como os mecanismos de violência operam contra os sujeitos LGBTQ+ justamente porque a homofobia não atrai a atenção da mídia assim como a gravidade não recebe destaque midiático – exceto quando alguma pessoa LGBTQ+ é assassinada. Assim, o “circo” é o burlar a gravidade, o envio de um “foguetete ao espaço” que perturba a superfície, o ato de romper e transgredir barreiras e normas. A imagem do foguetete rumo ao espaço é uma metáfora importante para questionar a gravidade, afinal, esse foguetete permite o circo midiático de atenção, revelando que na realidade a gravidade existe, atua e está sendo desafiada.

Como quem manda um foguetete ao espaço. Somos umas escandalosas, as bixissapas. Sim, mas é que a discrição e o silêncio são virtudes da gravidade homofóbica, não de quem luta contra ela. Por que não somos discretas, nos integramos deixamos de ensinar nossos corpos, de travestir-nos, de fazer barulho, de escandalizar? Porque toda luta antigravitacional necessita de um desenvolvimento de meios descomunal e sempre chama atenção (VIDARTE, 2019, p. 111).

A luta contra as violências heteronormativas chama tanta atenção quanto os foguetes, justamente por revelarem as formas silenciosas pelas quais o sistema de exclusão e silenciamento opera. Por tal razão, Vidarte encoraja que sujeitos LGBTQ+ lutem contra a gravidade cientes de que é uma batalha constante, uma luta contra forças que atuam desde a hora que acordamos até a hora de deitar. Contudo, uma luta que pessoas heterossexuais e/ou sujeitos heteronormativos ignoram porque estão inseridos no sistema ideológico que lhes informa que suas existências não contrariam as “leis naturais da gravidade”.

Até aqui apresentei duas ideias-metáforas que me são caras, *pensar King Kong* e a *gravidade homofóbica*, para a investigação proposta. O que as discussões de Despentes e Vidarte têm em comum é a análise de formas de opressão e como existem formas de resistir aos processos que, muitas vezes, nos parecem impossíveis de contestar. Encontrar resistências que possam alimentar sujeitos que são constantemente apagados e invisibilizados. Resistir aqui é, portanto, não formular uma teoria totalizante: penso que são movimentos desterritorializantes, criando novas possibilidades a partir da própria consciência de que é impossível acabar com a gravidade homofóbica por completo. Assim, como Vidarte e Despentes indicam, encontrar modos de resistir e de pensar que possam dar visibilidade e permitir que nossa “potência fundamental” surja como um foguetete rumo ao espaço ou como King Kong

destruindo a cidade. É essa perspectiva de leitura que ofereço agora do romance *Beebo Brinker* da estadunidense Ann Bannon.

Ann Bannon, nome utilizado por Ann Weldy, nasceu em 1932 e cresceu no estado de Illinois nos Estados Unidos. Logo após se graduar em Francês na universidade, Bannon se casou e estabeleceu uma família, embora já soubesse sobre sua sexualidade e sua atração por mulheres. Entre 1957 e 1962 Bannon publicou seis romances que hoje são conhecidos como *The Beebo Brinker Chronicles*. Esses livros eram parte das publicações *pulp* da época e, embora populares, atraíram atenção acadêmica apenas no final dos anos 1980. Cabe aqui lembrar que os materiais ficcionais publicados como *pulp fiction*, em especial *lesbian pulp fiction*, não eram considerados sérios ou merecedores de estudos. Publicados em papéis de menor qualidade, os livros de *pulp fiction* eram vendidos em farmácias e terminais de ônibus e eram produzidos para consumo de entretenimento e não como bens duráveis, daí a dificuldade em encontrar materiais *pulp* ainda intactos na contemporaneidade.

Os livros serializados como *lesbian pulp fiction* eram, em boa parte, direcionados ao público masculino. As capas e as frases nas contracapas colocavam em destaque mulheres lésbicas que hoje podemos discutir à luz das contribuições de Linda Hutcheon (2002) e o fitar masculino (*male gaze*). O mundo acadêmico ainda se recusa a aceitar estudos sobre esses materiais, temendo que o foco na sexualidade seja uma diminuição do valor sério das pesquisas teóricas. Justamente por este temor é que acredito que devemos popularizar ainda mais tais obras como sintomáticas de mudanças sociais. Afinal, os romances de Bannon expressam preocupações sobre sexo, gênero e sexualidade antes mesmo dos grandes movimentos teóricos, acadêmicos e ativistas, tais como os movimentos feministas a partir da década de 1960 e os estudos *queer* popularizados na década de 1990.

Devido ao espaço do artigo, discutirei apenas um romance da série *The Beebo Brinkler Chronicles*, a saber o último da série intitulado *Beebo Brinker*. É importante ressaltar que a série de Bannon possui as mesmas personagens, porém os livros possuem suas próprias protagonistas, possibilitando o desenvolvimento das personagens de maneiras mais complexas. Cada obra apresenta determinados momentos da vida de uma personagem principal que se torna secundária em outra obra, o que demonstra uma preocupação crucial de não totalizar qualquer tipo de vida a partir de um discurso único. Em outras palavras, Bannon não apresenta uma experiência lésbica que se quer representativa do grupo. Pelo contrário, o foco em diversas personagens é assumir o

leque variado de experiências lésbicas distintas e permite que tensões sobre sexo, gênero e classe sejam destacadas.

Embora a série seja conhecida a partir de sua personagem mais desenvolvida, Beebo Brinker, é apenas com o último livro da série, *Beebo Brinker*, que o passado dela é explorado minuciosamente. *Beebo Brinker* narra a chegada da protagonista homônima em Nova York após a decisão de abandonar sua família na área rural de Wisconsin. Inicialmente sem dinheiro ou lugar para ficar, Beebo recebe ajuda de Jack, um homem homossexual que mora na região gay nova-iorquina conhecida como *The Village*. The Village é como os novaiorquinos chamam o bairro de Greenwich Village que, embora não seja inteiramente LGBTQ+, era habitada por muitos sujeitos desse grupo à época da série narrada. Reconhecendo em Beebo uma jovem que precisa de auxílio na selvageria da cidade grande, Jack se compadece e a recebe em sua casa, até mesmo ajudando-a a encontrar um emprego como entregadora de comida.

Em Nova York Beebo aprende a lidar com o mundo gay e lésbico, motivo pelo qual ela abandonara sua família em Wisconsin. Apesar do apoio e amor de seu pai, Beebo sentia que não era bem-vinda na região e até mesmo seu irmão a rechaçava como uma aberração da natureza por ser uma mulher masculina. É por meio de Jack que Beebo se compreende como uma mulher que se relaciona e ama mulheres, embora constantemente questionando o rótulo de lésbica.

Ao visitar diversos bares gays e lésbicos com Jack, Beebo conhece uma mulher por quem se apaixona. Mona, contudo, se revela mais tarde um problema para Beebo, já que a primeira é conhecida na região como uma “destruidora de corações”. Entretanto, ao pensar em Mona, Beebo percebe que seus sentimentos prévios de repulsa estão, lentamente, dando espaço para novas possibilidades de existir:

Mesmo a palavra "lésbica," que a havia ofendido antes, agora soava maravilhosa aos seus ouvidos.

Ela chocara a si mesma com tais pensamentos sinceros, mas foi apenas no início. Pouco a pouco, começou a parecer para ela que era lindo que duas mulheres pudessem ficar juntas com paixão e inteligência e criar uma vida com e pela outra; criar um casamento. Ela sonhou com mulheres amáveis e sofisticadas aos seus pés, ciente mesmo enquanto sonhava de que ela ainda não tinha o *savoir-faire* para conquistar tais mulheres. Mas ela estava queimando com a ambição para conseguir (BANNON, 2002, p. 47. Trad. Livre).⁴

⁴ *Even the word “Lesbian,” which had offended her before, began to sound wonderful in her ears. She shocked herself with such candid thoughts, but that was only at first. Little by little, it began to seem beautiful to her that two women could come together with passion and intelligence and make a life with and for each other; make a marriage. She dreamed of lovely, sophisticated women at her feet, aware even*

Embora publicado no início da década de 1960, *Beebo Brinker* se passa na década de 1950, o que torna ainda mais instigante a percepção de como Bannon construiu personagens que questionavam a ordem heteronormativa antes mesmo de muitos estudos de gênero. Quando Beebo fantasia sobre uma relação com outra mulher, ela não só está subvertendo a ordem que se espera das mulheres, mas também minando a heterossexualidade compulsória tal qual Adrienne Rich (2010) discutiu. É possível ainda pensar como Beebo vai além desse questionamento e levanta a temática *queer* ao recusar ser nomeada lésbica sem poder escolher a sua própria definição.

Ao falar sobre seu passado, Beebo revela que o catalisador para sua fuga de Wisconsin fora uma viagem que realizara com seu pai e seu irmão para Chicago. Lá, a família buscava adquirir cabeças de gado para a fazenda e, observando uma deusa, Beebo decidira vestir algumas roupas de seu irmão. Surpreendentemente, por causa de seus traços considerados masculinos, Beebo enganara algumas pessoas com sua performance do gênero masculino. Contudo, ao passar mal por causa do calor e necessitar de atendimento médico, seu disfarce é descoberto e ela conclui que: “*Antes de Chicago eles pensavam que eu era apenas uma criança estranha. Mas depois eu era realmente estranha. Tem uma grande diferença*” (BANNON, 2002, p. 54. Trad. Livre)⁵.

Beebo relata que sempre fora tratada de maneira distinta pelas pessoas porque ela teria características consideradas masculinas. Na escola as pessoas desconfiavam que ela molestava meninas porque se parecia com um rapaz. Ser *queer* – ou seja, ser diferente, ser a sapatão, a lésbica, a estranha – significava destoar da construção binária hegemônica na qual sujeitos precisam ser ‘homens’ ou ‘mulheres’. O incidente em Chicago revelou para Beebo quão temida e detestada ela era em sua cidade porque sua existência questionava e burlava as fronteiras “não tão sólidas” do sistema sexo-gênero-sexualidade.

É interessante pensar que, ao chegar em Nova York, Beebo ainda carregava tais construções binárias, afinal, abandonar um espaço físico não significa que ele não segue mentalmente como um trauma. O processo de desterritorialização de Beebo – de desconstrução de determinados conceitos – não acontece da noite para o dia e demanda investimento: alegrias, desprezo, insatisfação, prazer etc. Se Chicago a tornou de fato *a*

as she dreamed that she hadn't yet the savoir faire to win such a woman. But she was afire with ambition to acquire it.

⁵ *Before Chicago, they thought I was just a queer kid. But afterwards, I was really queer. There's a big difference*

estranha em sua cidade, Nova York confirma que ser estranho é apenas uma forma relacional de existir e não uma forma correta ou incorreta, desconstruindo os próprios estereótipos que sustentaram a comunidade gay e lésbica.

Em Nova York, Beebo expressa que se sentia diferente do resto de sua cidade e que por tal motivo era constantemente desrespeitada. É pela simpatia e apoio de Jack que Beebo consegue sair de seu repertório binário para pensar e compreender formas de existência que destoam do binarismo heteronormativo. Beebo questiona os papéis de gênero – “Jack, muito antes de saber qualquer coisa sobre sexo, eu sabia que eu queria ser alta e forte e usar calças e cavalgar cavalos e ter uma carreira... e nunca casar com um homem ou aprender a cozinhar e criar bebês. Nunca” (BANNON, 2002, p. 51. Trad. Livre).⁶ Também as formas pelas quais as sexualidades operam – “Jack, o que faz uma menina feminina como aquela gay? Por que ela ama outras meninas quando ela é tão feminina e perfumada quanto a garota que procura homens? Eu pensava que todas as meninas homossexuais eram três-quartos menino” (BANNON, 2002, p. 52. Trad. Livre).⁷

Leio nos trechos acima uma expressão de dúvida que mancha o sistema confortável no qual Beebo fora criada. Ao indagar sobre como mulheres consideradas femininas se interessariam por mulheres masculinas ou mesmo sobre os estereótipos de gênero, Beebo relata sua confusão e a pressão por escolher entre A ou B, entre XX ou XY – para muitos preconceituosos que utilizam ainda a biologia como sustentáculo para a homofobia. O que as palavras de Beebo suscitam é a necessidade de releitura do sistema a partir de sua incongruência e de sua incapacidade de dar conta de todas as formas de vida. É a partir desta brecha que indago: de que maneiras Beebo Brinker pensa King Kong? De que maneiras Beebo Brinker consegue fazer uso e subverter a gravidade homofóbica para sobreviver? Como que Beebo Brinker consegue se potencializar como sujeito político e, ao mesmo tempo, negar qualquer totalização a partir de sua experiência como mulher lésbica?

Partindo do pressuposto, sinalizado por Vidarte, de que a homofobia é uma força sempre presente, é vital que se reconheça como ela opera para que se possa posteriormente localizar as resistências contra ela. A partir da localização da gravidade

⁶ *Jack, long before I knew anything about sex, I knew I wanted to be tall and strong and wear pants and ride horses and have a career... and never marry a man or learn to cook or raise babies. Never.*

⁷ *Jack, what makes a feminine girl like that gay? Why does she love other girls, when she's just as womanly and perfumed as the girl who goes for men? I used to think all homosexual girls were three-quarters boy.*

homofóbica, essa “força silenciosa onipresente” (VIDARTE, 2019, p. 109), pode-se encontrar os “foguetes lançados” que são também uma expressão do pensar King Kong, questionamentos que permitem revelar uma potência fundamental que permite que existamos. Acredito ser necessário sublinhar que essa potência fundamental não é encontrar uma essência que todas as mulheres ou todos os sujeitos LGBTQ+ possuiriam, mas sim uma potência compreendida como uma recusa a se permitir ser alienado pelo sistema. Tal potência pode ser lida à luz do que Suely Rolnik (2018) discute em *Esferas da Insurreição*.

Partindo de leituras psicanalíticas e nietzscheanas, Rolnik aponta as maneiras pelas quais nossas vidas estão sendo dessubjetivadas pelas expressões do capital. Para a teórica, existe um abuso de nossa força vital pelo sistema capitalista e nossas possibilidades de agir e criar são tolhidas quando nos tornamos frágeis e debilitados. A força vital é, portanto, nossa possibilidade de compreender de que formas estamos inseridos dentro de um sistema que nos oprime, humilha e cerceia para que, de formas criativas, consigamos encontrar políticas de resistência. A incapacidade de lidar com as opressões e operações do sistema do capital nos coloca em narrativas nas quais nosso devir se torna vazio – vivemos aquilo que tais narrativas nos permitem, não conseguimos abrir espaço para outras formas de existir porque estamos ocupados demais, oprimidos demais, explorados demais, debilitados demais. Como passamos a temer a perda da vida como conhecemos, exigimos que essas narrativas conhecidas sejam as únicas formas de expressão. Assim, as vidas de sujeitos heteronormativos, embora não sejam o foco central do pensamento de Rolnik, se tornam as narrativas hegemônicas que devem ser acolhidas e reconhecidas.

“Tal equívoco sustenta-se no imaginário da sociedade colonial-capitalística,” nos diz Rolnik (2018, p. 129), “que considera esse modo de existência como o ideal e ao qual todos deveríamos aspirar, quando de fato é próprio de uma vida estéril e que (...) não corresponde a privilégio de espécie alguma.” Rolnik destaca, portanto, que resistir ao modelo de vida imposto pela sociedade capitalista é uma expressão de um devir, uma tentativa de renegociar os valores da força vital – aquela possibilidade que existe em todos nós de resistir e agir para criar novos devires. Ela compreende que tal força vital é a expressão de uma pulsão de vida, problematizando as pulsões freudianas e a vontade de potência nietzscheana⁸, que permitiria a expressão de formas de vida. É por essas

⁸ Por questões de espaço e foco, opto por destacar brevemente que Rolnik se distancia da ideia freudiana de pulsão de vida e de morte para apreciar a ideia de que toda pulsão é sempre uma expressão de vida,

linhas que uma potência fundamental pode ser lida: uma tentativa de negociar a força vital que existe em todos os seres para compreender como somos constantemente afetados pelo controle político de existências. Uma potência fundamental nos permite reconhecer a força vital e compreender como nossos desejos, nossas existências, nossos devires são afetados e afetam o poder que quer nos derrubar, como a gravidade homofóbica que Vidarte cita. Será a partir desse desconforto instalado pelo sistema que os sujeitos podem reagir e confrontar os enquadramentos pelos quais são lidos, interpretados e totalizados, desafiando, portanto, as suas perdas de subjetividades.

Reconhecemos, pois, que as sociedades expressam em seus contextos históricos e políticos quais vidas podem ou não ser consideradas parte do sistema. Temos aqui ecos da discussão dos enquadramentos proposta por Judith Butler (2015). Pensemos que algumas vidas não são consideradas vidas porque não são lidas e interpretadas como vidas que podem existir, logo elas só podem ser lidas e consideradas vidas quando estiverem dentro do sistema – aqui questionado a partir das indagações sobre sexo, gênero e sexualidade. Pelo enquadramento sugerido por Butler, a moldura foca em sujeitos que podem ser vistos como reconhecíveis como seres enquanto aqueles que se encontram fora da moldura, dos espaços de reconhecimento, ou não são vidas ou devem ser normalizados por processos que os tornarão cognoscíveis como sujeitos. O resultado de vidas que precisam ser enquadradas para serem consideradas vidas é a “despotencialização” (ROLNIK, 2018), o que gera, conseqüentemente, sujeitos que precisam se encaixar ou que são apagados do sistema, sujeitos cujas forças vitais são violentadas e debilitadas. É contra esses processos de despotencialização que *Beebo Brinker* pode sugerir a arte como espaço de diálogo e reconhecimento das forças vitais.

Enxergo na resistência de Beebo Brinker uma luta antigravitacional e uma estratégia King Kong a partir da recusa de despotencialização de sua existência: a sua existência não é tudo o que ela é, mas suas insurgências contra o sistema que a oprime indicam que sua força vital se recusa a ser ludibriada e enfraquecida. Apesar das adversidades e das perdas, Beebo se recusa a se deixar ser nomeada e apagada pelo sistema heteronormativo. Um exemplo simples, mas que ilustra sua recusa de apagamento: ao iniciar uma relação com Venus Bogardus, uma famosa atriz que vive relacionamentos lésbicos extraconjugais, Beebo não esconde sua existência

assim como a leitura da teórica sobre a vontade de potência nietzscheana. Para a psicanalista, deve-se pensar que o destino da pulsão é vida e as formas de preservar essa possibilidade, especialmente quando o sistema busca restringir ou apagar vidas.

masculinizada que “ofende” os espaços que Venus habita. Nem mesmo o marido de Bogardus, que consente com as relações homossexuais da esposa, consegue fazer com que Beebo se feminize para causar menos impactos. Beebo sofre pela sua exposição como sujeito, mas sua recusa é mais potente porque ela não deseja renegociar sua existência para ser enquadrada em molduras heteronormativas, apenas para agradar o olhar externo. Beebo, assim, inverte a ideia do Outro: ela não é mais o Outro, uma vez que ela destaca que o Outro heteronormativo é que se recusa a mudar para compreendê-la.

O fracasso da relação entre Beebo e Venus traz no seio o questionamento da luta anti-homofóbica. Venus é uma atriz famosa que mantém relações extraconjugais com outras mulheres, porém busca manter as aparências em público com seu marido que também é seu agente. Já Beebo, mesmo apaixonada por Venus, percebe que não quer viver escondida ou ter que abrir mão de quem é para poder amar Venus. Abandonar Venus é mais um capítulo das resistências que Beebo desenvolve contra a homofobia/lesbofobia no romance. Ao desarticular as expectativas, até mesmo de sujeitos LGBTQ+ no romance, de viver em segredo para poder amar, Beebo destaca que suas intenções são de tornar o ato de mulheres amarem outras mulheres uma possibilidade de ser o que se deseja, uma expressão de si que deve ser respeitada e compreendida.

É ainda no término da relação com Venus que questionamentos da gravidade homofóbica surgem. Ao perceber que não há como manter Beebo, Venus revela como buscou por anos apagar a sua sexualidade porque acreditava que havia papéis a cumprir como mulher:

Venus respondeu silenciosamente. “Beebo, você sabia o que era cedo na sua vida. Algumas de nós não descobrem até o momento que estamos comprometidas com um homem e filhos. Você é 100% gay. Você nunca duvidou. Você respira tamanho desgosto por mim. Mas querida, acredite, você é que tem sorte. Você soube sobre si em tempo de se salvar da vida de esposa e de maridos - coisas com as quais o resto de nós temos que viver” (BANNON, 2002, p. 216. Trad. Livre).⁹

A tentativa de explicação de Venus sobre sua vida revela uma triste constatação da situação de sujeitos LGBTQ+ nos anos 1950 – e de muitos ainda hoje em pleno

⁹*Venus answered quietly. “Beebo, you knew what you were early in life. Some of us don’t find out till after we’ve committed ourselves to a man and children. You’re one hundred percent gay. You never doubt it. You breathe such easy contempt for me. But Darling, believe me, you’re the lucky one. You knew yourself in time to save yourself from housewifery and husbands – things the rest of us have to live with”.*

século XXI: viver escondido é a estratégia de sobrevivência para não perder os benefícios e/ou sofrer as consequências do mundo heteronormativo. Embora não questione tais demandas, é necessário enxergar na recusa de Beebo a potência fundamental: em vez de ser arrastada para o outro lado do país onde Bogardus mora e trabalha, Beebo compreende que precisa estar em Nova York onde pode ser quem é sem medo ou temor.

Aceitar a vida com Venus seria aceitar a sua despotencialização, seria aceitar a dominação e o assassinato de King Kong. Beebo já havia consentido que King Kong fosse morto quando abriu mão de sua cidade e partiu para Nova York e, ciente da importância de ser o que gostaria de ser, ela preza para que isso não aconteça de novo. A experiência da rejeição e das agressões homofóbicas tornaram impossíveis – naquele momento – para Beebo conseguir expressar sua identidade. Concordo com Suzanna Danuta Walters (1990) quando ela afirma que o romance de Bannon não é uma narrativa de condenação porque ela busca subverter a própria noção de um final – Beebo retorna para Nova York e reata com Paula, sua ex-namorada, porém, como os outros romances da série indicam, a noção de final feliz é contestada sempre.

Walters (1990) ressalta que Bannon consegue dramatizar a vida de mulheres lésbicas sem necessariamente utilizar a morte como final. Para a pesquisadora, ao evidenciar diferentes vidas na série e, em especial, colocar como mulheres lésbicas possuem experiências distintas e diversas, Bannon elabora uma crítica do próprio gênero *pulp*, na minha leitura, da heteronormatividade. Embora Raymond trace uma crítica do determinismo biológico sobre a sexualidade nos escritos de Bannon, acredito que as ações das personagens nos ofereçam material para questionar se as próprias visões explicitadas por cada personagem não podem hoje ser lidas como contestações dos discursos hegemônicos.

Eve Kosofsky Sedgwick (1990) já alertava em *Epistemology of the Closet* sobre os perigos de estudos gays e lésbicos que buscam a origem da homossexualidade. Parece-me aqui desnecessário me debruçar sobre as discussões referentes às sexualidades como determinismos biológicos ou construções sociais, afinal há muito material produzido nos últimos trinta anos sobre o tema. O que é caro para a leitura aqui proposta de *Beebo Brinker* é compreender como a resistência de Beebo pode ainda ser lida no século XXI à luz de novas perspectivas teóricas.

Embora o romance seja sobre o crescimento individual de Beebo, outros dois personagens são excepcionalmente curiosos nas suas relações com Beebo: Jack e Pete.

O primeiro se torna um amigo próximo que a ajuda a crescer como sujeito político em Nova York. Também sendo homossexual, Jack enxerga em Beebo alguém que precisa de apoio emocional e financeiro, o que se torna a especialidade dele: cuidar das pessoas. Esse cuidado revela uma ligação que muitos grupos LGBTQ+ contemporâneos ainda precisam repensar; afinal, a busca por alianças não é uma competição de opressão. O fato de Jack ser gay não significa que ele não sofra de homofobia, porém são opressões distintas porque Beebo é uma mulher em um espaço tradicionalmente masculino – a cidade. Já o segundo personagem, Pete, é o chefe de Beebo e conhecido na região por causar problemas. Além disso, Pete assedia mulheres lésbicas para conseguir satisfazer seu desejo sexual. Apesar de casado com Marie, uma francesa com quem tem cinco filhos, Pete representa um curioso caso dos efeitos da masculinidade.

Se Beebo busca compreender o que deseja e viver de acordo com suas decisões, mesmo que elas lhe tragam sofrimento, Pete é o oposto por temer que sua masculinidade seja questionada. Casou-se, teve filhos, possui um negócio e mesmo assim precisa assediado mulheres lésbicas para conseguir provar sua sexualidade. Incapaz de poder assumir seus próprios desejos, Pete precisa corresponder ao mundo heteronormativo e, inconsciente da opressão que sofre desta estrutura, ameaça mulheres lésbicas para conseguir se satisfazer sexualmente. Beebo resiste às investidas de Pete e o confronta sobre tais abusos. Nota-se aqui que Pete não só aspira ao modelo ideal que Rolnik (2018) critica, mas também é o resultado da gravidade homofóbica – operando-a e sendo operado por ela, nas posições de ativo e passivo afinal, sua esposa, Marie, o descreve como “três-quartos viado e o resto sádico (...) Por isso que ele não vai atrás de mulher de verdade. Ele tem que machucar uma menina – uma menina que não o quer – antes de conseguir fazer algo com ela” (BANNON, 2002, p. 116. Trad. Livre)¹⁰. Considerando como Marie trata Beebo bem e a recebe com carinho, paira no ar se a crítica sobre Pete e a palavra “fag” – termo ofensivo para gays em inglês, algo como “bicha” ou “boiola” – possuem fundo real de experiência ou são apenas formas de ofender o marido.

Um último pensar King Kong – uma última resistência – que gostaria de citar aqui é a própria expressão de identidade de gênero de Beebo. Recusando a ideia de feminidade atribuída às mulheres, ela descobre que se sente bem e confortável sendo uma mulher masculinizada e encontra lugares e pessoas que a desejam e respeitam.

¹⁰ *three-fourths fag and the rest sadist (...) That's why he don't chase real women. He has to hurt a girl – a girl who don't want it – before he can get it up.*

Segundo Tania Navarro-Swain (2004, p. 159), uma mulher masculinizada não significa que ela deseja ser um homem ou que quer as características desse gênero. Pelo contrário, ela desestabiliza “o sentido unívoco do masculino”. Assim, a presença de Beebo interroga o próprio sistema binário que busca conformar os sujeitos – se não é homem, deve ser mulher. A ordem binária é excludente, argumenta Swain (2004).

Ser o que deseja ser é um ato revolucionário para Beebo que compreende que não precisa recusar o seu próprio desejo para se encaixar em narrativas que não a abracem como ela quer. Dessa forma, leio no ato de ser uma mulher masculinizada o reconhecimento da gravidade homofóbica e um ato King Kong: a mera presença de Beebo como *butch*¹¹ incomoda o cenário e é sua declaração política de existência como sujeito, recusando-se a ser levada para a cidade que a enquadraria ou a exterminaria. Novamente cito Swain para pensar como a construção da masculinidade e da feminidade são ficções utilizadas em discursos homofóbicos que buscam silenciar:

As diferenças não existem, desta forma por si sós, elas são monumentos sociais arquitetados em uma ampla disposição de poderes, cuja estrutura em rede garante sua solidez. É assim que o humano, dividido em categorias binárias – feminino e masculino – criou, na articulação social, a afirmação de sua normalidade na existência dos “anormais”, os monstros, os corpos ditos “imperfeitos” em seu sexo, em sua forma ou em comportamentos fora das sendas definidas pela normatividade sexual (SWAIN, 2004, p. 156).

Uma mulher masculinizada é, portanto, um questionamento da noção de diferença como perigo, como algo que deve ser eliminado. Beebo se recusa a ser novamente engolida pela narrativa da diferença como perigo e sua decisão em ser uma mulher masculinizada é uma manifestação de como as diferenças são construções que operam com o sentido de oprimir. Lembremos, pois, que diferença não é apenas oposição, mas, sim, as variedades e as possibilidades que existem.

Para concluir, acredito que ler *Beebo Brinker* no século XXI é reconhecer a riqueza política de uma obra ainda pouco popular nos cenários acadêmico e literário. A possibilidade de enxergar resistências e pensá-las a partir das contribuições filosóficas de Virginie Despentes (2016) e Paco Vidarte (2018) indica quão contemporâneo os questionamentos de sexo, gênero e sexualidade ainda são. Tais indagações ilustram a

¹¹Embora alguns leiam o termo de maneira ofensiva, *butch* tem sido cada vez mais apropriado para reivindicar a importância de mulheres que se identificam com características tidas do gênero masculino. *Butch*, em oposição a *femme*, é um termo utilizado para descrever mulheres masculinizadas. Ressalto que o uso que faço advém de estudos contemporâneos que buscam ressignificar o termo para além das ofensas e como celebração das diferenças – tal qual o termo *queer* atualmente.

necessidade dos estudos literários buscarem espaços para que obras como *Beebo Brinker* sejam recuperadas e discutidas.

Não acredito que seja demasiado dizer que Beebo é o foguete que vai contra a gravidade, lutando contra as forças que buscam mantê-la no lugar, destruindo a cidade que busca aprisioná-la tal qual King Kong. Leio as resistências de Beebo como sinais de potências que precisam ser constantemente realçadas e lembradas, para que não esqueçamos nossos passados e para que possamos pensar nas próximas direções.

Referências

BANNON, Ann. *Beebo Brinker*. San Francisco: Cleis Press, 2002.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?*. Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Trad. Marcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. Teoria King Kong: O "Escandaloso" Livro de Virginie Despentes. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 637-642, 2018. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196187/001094148.pdf?sequence=1>. Acessado em 10 jun 20.

HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. New York: Routledge, 2002.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>. Acesso em 10 jun. 20.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.

SWAIN, Tania Navarro. O normal e o "abjeto": a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. In: LOPES, Denilson et al (Org.). *Imagem & Diversidade Sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004. p. 155. 161.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Tradução de Pablo Cardellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WALTERS, Suzanna Danuta. As her hand crept slowly up her thigh: Ann Bannon and the politics of pulp. In: RAYMOND, Diane (Ed.). *Sexual Politics and Popular Culture*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1990. p. 81-100.